

DAS FRONTEIRAS DO VELHO AO NOVO MUNDO

Tânia Regina Zimmermann *

ZIMMERMANN, T. Z. Das Fronteiras do Velho Mundo ao Novo Mundo. *Akrópolis* 12(2): 45-50, 2004

RESUMO: Nesta pesquisa objetivo apontar diferentes olhares sobre o processo de imigração, principalmente da Alemanha para o Brasil. Estes olhares foram construídos com a inserção de novas perguntas a algumas bibliografias de referência sobre o tema bem como o estudo de novas publicações e de novos personagens.

PALAVRAS-CHAVE: imigração, política pública, história do Brasil.

FROM THE BORDERS OF THE OLD TO THE NEW WORLD

ZIMMERMANN, T. Z. Das Fronteiras do Velho Mundo ao Novo Mundo. *Akrópolis* 12(2): 45-50, 2004

ABSTRACT: In this investigate objective to mark new look at the process of immigration, especially for Brazil. This new look are building with new ask of old bibliography and new publication and new actors.

KEYWORDS: immigration, public political, history of Brazil

Introdução

O Brasil passa a partir de 1820 a ser visto por autoridades de países como a Itália e a Alemanha e por homens e mulheres, em sua maioria, marginalizados como um país para imigração. O que levou esses sujeitos a deixar o país onde viviam? Como decidiram para onde iriam? Quais eram os problemas a serem enfrentados depois da decisão de imigrar. Como chegaram a “Nova Terra” e o que eles esperavam lá?

A busca de aventuras, o sonho de ser livre e independente juntamente com a imagem de imigrantes bem sucedidos, vinha em grande parte a partir do meio de relações de homens e mulheres que haviam emigrado. A regra, sobretudo foi a corrente migratória, ou seja, sujeitos migravam de lugares ou regiões, nas quais havia parentes ou membros de comunidades conhecidas. Homens e mulheres que emigrariam estavam de certa forma confiantes com a situação através de cartas e de relatos do Novo Mundo.¹ Através dos “sucessos na nova Pátria” muitos não resistiram à busca da terra das novas esperanças, embora a política imigrantista do governo Imperial brasileiro não fosse tão chamativa.²

Corrente Imigratória

Homens e mulheres migrantes que mantinham contato com o lugar de onde saíram relatavam as suas experiências e estimulavam os que ficaram para emigrar também. Essa ligação era tão intensa que para os EUA, quatro quintos dos emigrantes migraram através da informação de

amigos e parentes. A imigração através do conselho de amigos e parentes e da disposição destes para a ajuda no início, foi um dos aspectos decisivos para a corrente imigratória. Era muito comum encontrar lugares povoados por pessoas vindas de uma mesma região. Em muitos lugares então era preservado o nome dessa região acrescentando “Novo(a)” ou “Neue”.

Com a crescente mobilidade social também aumentavam as exigências de mudanças do *habitus social*³. Muitas são os indivíduos que estão acompanhados pela mobilidade, seja por tempo determinado ou com objetivos de permanecer em um outro lugar. Isto não apenas porque legalmente lhe dão um visto de entrada, mas porque seu *habitus social* cria uma distância de uma forma específica entre os sujeitos que migram com os “nativos”. A dificuldade em conviver com um outro grupo de sujeitos, que são marcados por um conjunto de diferenças, faz com que pessoas procurem domiciliarem-se próximas aos sujeitos de seu grupo, ou seja, com pessoas com o mesmo *habitus social*.

No século XIX ocorrem mudanças na pirâmide populacional da Alemanha devido a elevação da taxa de natalidade e da expectativa de vida. Também ocorrem mudanças no mundo do trabalho devido a industrialização. Houve o advento de um controle sobre o tempo dos sujeitos⁴, cujas instituições médicas, penais, indústrias, pedagógicas trazem em suas práticas o (...) *controle, a responsabilidade ou quase a totalidade do tempo das sociedades; são, portanto, instituições que, de certa forma, se encarregam de toda a dimensão temporal da vida dos homens.*⁵

* A autora é mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC com créditos concluídos pela Universidade de Heidelberg, Alemanha. Atualmente é professora do curso de História da UNIPAR, Universidade Paranaense, Campus de Cascavel. R. Concórdia 1367, Lot. Toebe, 85960-000 Mal. Cândido Rondon PR, tzimmer@unipar.br / zimmermantania@hotmail.com

¹ Um exemplo da imigração ao Brasil foi de Josef Umann que a convite de parentes já radicados no Brasil (Rio Grande do Sul) atuando como pequeno proprietário rural. In : UMMANN, Josef. Memórias de um Imigrante Boêmio. Introdução, tradução e notas de Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre : EST, 1981. p. 4.

² Idem, ibidem.

³ Este termo é usado por Elias como conjunto de disposições internas e externas que dão coesão a um determinado grupo. Elias, Norbert. Die Gesellschaft der Individuen. Hrsg. Von Michael Schröter. 3. Aufl. Frankfurt (Main) : Suhrkamp, 1996, p. 314.

⁴ Ver estudos sobre o tempo sagrado e fabril em Jacques Le Goff. Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Lisboa : Estampa, 1980.

⁵ Foucault, História da sexualidade I : A vontade de saber.. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. Ed. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1988, p. 115-16.

⁶ STRUPP, Christoph. *Von der Alten in die Neue Heimat. Deutsche Auswanderer auf dem Weg nach Lateinamerika*. Matices. Zeitschrift zu Lateinamerika, Spanien und Portugal. Jg.4, Nr. 15, 1997(Special Integration I), p. 23.

Também o processo de industrialização ocorre de forma não linear e apresentam oscilações regionais⁶. Essas oscilações apresentaram períodos de crises para principalmente sujeitos que viviam no campo. As agudas crises de abastecimento até a metade do século XIX contribuem para a imigração, mas a falta de perspectiva por melhores condições sociais seria a principal razão para deixar o país. Isto é perceptível na canção dos imigrantes:

“ Adeus, ó pátria
Partimos para outras plagas
Partimos para o Brasil.
Só as dívidas deixamos aqui.
Procuramos novas paragens
Onde há ouro como areia. Hurra, hurra,
Breve chegaremos ao Brasil.”⁷

Uma parte desses sujeitos, que estavam afetadas por causa da falta de perspectivas, procurou a imigração para “melhorar seu destino”. Um padeiro de Hornan por não encontrar trabalho solicitou sua “permissão de saída” com as seguintes palavras: “Completamente empobrecido e sem expectativa de obter trabalho e progresso, sem pão de cada dia e quase sem roupa para cobrir o corpo, estou aqui, tendo lágrimas nos olhos, com mulher e dois filhos, e percebo que, para nós, não existe mais salvação na Europa.”⁸

O que dominou foi, sobretudo a imigração de famílias, enquanto que a de grupos teve uma importância menor⁹. De forma geral imigraram mais homens que mulheres. A maioria estava na faixa etária dos 15-40 anos de idade e se encontravam na “melhor” idade para o trabalho e eram considerados sujeitos marginalizados do poder.

Geograficamente dominou primeiramente como região migratória o Sudoeste da atual Alemanha. Nesta região desapareceram alguns vilarejos. Na região do Hunsrück, próxima ao Rio Reno eram muitos os sujeitos que emigraram. A idéia de obter uma pequena propriedade agrícola e a idéia de liberdade individual e familiar e de garantia de sobrevivência estava muito presente entre sujeitos que viviam nessa região. Havia também certa angústia em vir ao Brasil o que era representado em poemas:

“Willst Du Hannes, noh Bresilje ziehe,
wo Deich Schlange un die affe kriehe?
Ach, dann stehrbt gewiss Die Liesekett!...”
Rottmann¹⁰

A partir de 1860 sujeitos de outras regiões da Alemanha (centro e nordeste) procuram a imigração cada vez mais. Funcionários públicos procuraram trazer de forma exagerada relatos de imigrantes com êxito. Muitos agentes de

propaganda referenciavam casos espetaculares de imigrantes com êxito, como o caso do Major Schäffer, o qual buscou a partir de 1824 mais de mil alemães como colonos, ou melhor, como soldados para a construção de uma legião estrangeira no Brasil.

Os agentes de imigração prometiam tornar realizável o desejo de imigrar de homens e mulheres para determinados países¹¹ principalmente através da propaganda:

“A propaganda empenha-se sem entraves em atrair os pobres diabos; associações religiosas e companhias da navegação assumem o encargo do transporte e do alojamento; os governos consentem e alguns Estados de Alémmar efetuam a publicidade (...) a certeza de encontrar terra e, de qualquer modo, trabalho aguillhoa o pobre.”¹²

No período de 1850-1930 migraram mais homens e mulheres do sul da Europa para a América Latina do que de regiões alemãs. Para muitos alemães a linguagem e a cultura alemã estariam mais próximas dos EUA do que do Brasil. Além disso, a estabilidade política e econômica nos EUA também teria tido influência no processo de imigração. No caso do Brasil houve muitas discussões na imprensa alemã com relação ao sistema de parceria, a falta de liberdade religiosa trazendo uma repercussão negativa para a imigração ao Brasil.

O poder institucional em muitos Estados imigratórios da Alemanha procurou limitar ou até proibir a imigração de seus “cidadãos”. Porém no século XIX, a imigração não estava em nenhum Estado formalmente proibida.

A discussão pública sobre a imigração na Alemanha chega a um dos primeiros pontos culminantes em 1848 e se mistura com a problemática da colonização a partir de 1880. As discussões a respeito da imigração a partir da visão dos governantes se dividem entre aqueles que apontavam para a falta de mão-de-obra na posterioridade e os que temiam a revolução social e assim a imigração passa a ser vista como uma válvula de escape para o aumento da pressão social.

“Os países problematizados com excesso de população queriam ver-se livres de um percentual do contingente humano mais humilde e desprotegido; A América os comprava, sob um rótulo diferente, para garantir as fronteiras instáveis, cuja implantação de divisas exigira o massacre dos povos indígenas, e também para desbravar e derrubar as florestas

7 Versos de canções de migrantes da região do Hunsrück citados por WILLEMS, Emílio. **A Aculturação de Alemães no Brasil : Estudo Antropológico dos Imigrantes Alemães e seus Descendentes no Brasil**. São Paulo : Nacional, 1980, p. 36.

8 Citado por HUNSCHKE, C.H.O Ano 1826 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre : Metrópole, 1977, p.67.

9 A imigração de grupos ocorreu principalmente devido perseguições religiosas e no século XIX pouco ocorreu

10 Poeta da região de Hunsrück, representando o modo de ver a emigração ao Brasil: (Você quer Hannes migrar para o Brasil onde há cobras e macacos. Ah, então certamente Liesekett morrerá.) In : DIENER, Walter. **Hunsrücker Volkskunde**. In: Volkskunde Rheinischer Landschaften. Edit.: Dr. Adam Wrede. Bonn: Leipzig : Kurt Schroeder Verlag, 1925. P.67.

11 Para Frederick Luebke: In contrast to the Brazilian, American society, from its beginnings in the seventeenth century, consisted largely of independent farmers, artisans, and petty merchants- the very kinds of persons the Portuguese government had hoped to attract to Brazil. Hence the government of the United States felt no need to develop strategies to recruit European settlers or to subsidize colonization ventures, as did the Brazilians.“ In: The Germans in the New World. Essays in the History of Migration. University of Illinois Press Urbana and Chicago, 1990, p. 94.

12 CROUZET, Maurice.(org.) **História Geral das Civilizações**. São Paulo : DIFEL, 1969, p. 134.

exuberantes que enfeitavam e cobriam uma terra fertilíssima, a qual deveria servir como base agrícola alimentando supinamente, não só os estômagos, mas principalmente os cofres dos mandatários ébrios de poder e áridos de sentimentos.

As pessoas que agora abarrotavam os porões das caravelas apresentavam outro matiz policrônico, mas também eram tratados como escória humana, e ousava-se, ainda, exigir delas que nas terras distantes onde fossem desejadas se comportassem como seres racionais e honrados”.¹³

Experiências de homens e mulheres que imigraram nos relatam as diversas dificuldades que nos chegam através de documentos como cartas, jornais, da história oral, de biografias etc. O exemplo de trajetória de vida de Hans Schmidt é ilustrativo nesse sentido. Ele era filho de agricultores no norte da Alemanha. Nos anos oitenta do século XIX a Alemanha passou por uma crise e a situação de vida de Hans e sua família vinha piorando: Impostos, taxas para a igreja cobradas pelo Estado e pelo clero eram sufocantes. Além disso, os juros dos créditos cobrados pelo banco e os juros da parceria com o proprietário deixavam os agricultores tão endividados que gerações posteriores ainda estavam pagando a dívida.

Da atividade agrícola, a família mal conseguia sobreviver. Muitas mulheres procuravam então trabalho em indústrias têxteis. Nosso protagonista Hans conseguiu trabalho como empregado de latifundiários. Suas perspectivas pioraram, pois seu irmão mais velho recebera de herança a propriedade da família. Suas perspectivas melhoram ao ouvir falar na imigração para além do Atlântico. Agentes do Bremen Reedereien fazem propaganda das terras baratas. Após a morte de sua mãe ele decidiu emigrar. Ao chegar ao porto de Bremen, após dois dias de viagem Hans precisava ainda ganhar o dinheiro da passagem e lhe é sugerido um trabalho no porto. Após meses de trabalho ele conseguiu pagar a viagem e vem para o Novo Mundo.

O duro caminho antes da viagem até a chegada

A despedida de sujeitos que decidiram imigrar para sempre dos parentes e amigos no vilarejo em que haviam vivido ocorria de forma variada. Documentos da época nos permitem uma representação de alegres festas de despedida, mas também a saída de sujeitos a noite para minimizar as dores da despedida. Muitos também aproveitaram a imigração para fugir das dívidas. Na despedida se tinha certa confiança, mas se esperava também a volta: após a colheita, após alguns

meses, após uma vida de trabalho. Para aqueles que para sempre emigraram ficavam as cartas, os presentes, o envio de dinheiro ou então não se ouvia mais nada. A despedida da família, de outros sujeitos que viviam na comunidade ocorria de forma variada.

“Manche wandern in die untergehende Sonne, manche ziehen im Frühtau davon. Andere bleiben einfach da. Von ihnen hört man gewöhnlich nichts mehr.”¹⁴

Paul Eßer

Após a decisão de emigrar requeria-se a permissão de saída, o passaporte e se possível uma passagem comprada antes para não ser surpreso pelo aumento da passagem. Dos bens que possuíam somente se levava o necessário, e os demais eram vendidos.

O que poderia representar um impedimento para pobres que pretendiam emigrar foi o alto preço das passagens no século XIX, mas isso foi possibilitado com o pagamento em parcelas, geralmente através de um contrato de trabalho por alguns anos. Porém, os mais pobres e desprovidos de bens não poderiam emigrar por conta própria, e em alguns casos a comunidade ajudava na compra de um bilhete de navio.

O desejo de imigrar para além do Atlântico foi canalizado pelo poder de sujeitos que visavam lucros. Esse poder se concentrou nos agentes de propaganda, nos donos de navios (Schiffsreeder), nos capitães e nos comerciantes¹⁵.

A partir da segunda metade do século XIX torna-se possível uma viagem relativamente confortável de trem até os portos de Bremen e Hamburg até 1872 e os preços da viagem estavam reduzidos¹⁶. Posteriormente esta primeira etapa da viagem era cansativa e com perigos, além dos custos com o pernoite que estava ligado ao preço da passagem. O fato de muitos homens e mulheres migrarem pelos portos de Antwerpen, Le Havre ou Rotterdam devia-se à ligação mais rápida do Sul e do Oeste através do Rhein. Para os sujeitos que emigram para o Brasil, Bremen e Hamburg são os portos que na fase inicial de 1824- 1830 representam uma importante estação de passagem¹⁷.

Os donos de companhias de navegação do norte da Alemanha reconheceram cedo que seria um bom negócio, o transporte do “gado humano” na viagem de ida, pois estavam vazios. Em 1832 era lançado em Bremen uma primeira ordem sobre a imigração que protegesse os imigrantes e também o Estado em vista da *inconveniência que poderia surgir através da chegada de pessoas sem posses nos portos*. Os donos dessas companhias estavam obrigados a garantir condições de viagem e o abastecimento dos passageiros. Hamburg toma medidas semelhantes em 1837¹⁸.

¹³ NEDEL, Rui. **Te arranca alemão batata**. Porto Alegre : Ed. Tchê, 1986, p.24. Citado por : GREGORY, Valdir. **Os Euro-Brasileiros e o Espaço Colonial: a Dinâmica da Colonização no Oeste do Paraná nas Décadas de 1940 a 1970**. Niterói, 1997. Tese de Doutorado.

¹⁴ (Muitos partem no por do Sol, muitos saem de manhã cedo daí. Outros ficam simplesmente lá. Deles geralmente não se ouve nada mais.) Citado por : STRUPP, Christoph. **Von der Alten in die Neue Heimat. Deutsche Aswandere auf dem Weg nach Lateinamerika**. Matices. Zeitschrift zu Laeinamerika, Spanien und Portugal.Jg.4, Nr. 15, 1997(Special Integration I), p. 26.

¹⁵ Aqui ver „ Memória sobre meios de promover a colonização“ pelo Visconde de Abrantes(quem é ele)

In: Revista de Imigração e colonização. Rio de Janeiro: Ano II, Ns. 2-3, Abril- Julho 1941. Neste documento é expresso o tipo ideal de colono, de agente e seus instrumentos de controle para „a boa escolha de colonos“.

¹⁶ STRUPP. Op. Cit, p. 26.

¹⁷ Idem, ibidem.

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ STRUPP, C. Op. Cit, p. 27-28.

A viagem para o *Novo Mundo* representava para muitos sujeitos que emigravam uma aventura única¹⁹. Para a América do Sul, a viagem durava 2-3 meses e era mais cara e mais longa do que para os EUA. Os imigrantes que se instalaram em Nova Friburgo em 1823 levaram cerca de quatro meses de viagem. Todo esse tempo em um navio sem as possibilidades de fazer atividades cotidianas significava fadiga mental e física. E entre esses passageiros muitos sofriam de enjôos. Além disso, em muitas viagens havia casos de morte, mas os donos de navios faziam questão de não divulgar isso para não perder passageiros em suas próximas viagens. Essa situação melhorou no decorrer do século XIX com a introdução de navios a vapor. Esses navios encurtam em um terço o tempo de viagem. Com a organização de linhas de serviço com datas fixas para a viagem facilitava para os sujeitos que emigravam²⁰.

Após a chegada no Brasil, que de modo geral ocorria no Rio de Janeiro, os sujeitos que haviam imigrado procuram verificar o que os agentes de propaganda e de imigração haviam prometido e verificar as impressões positivas dos parentes e amigos através das cartas. Muitas vezes o inevitável período de espera pelo transporte seguinte se tornava uma prova de coragem. Muitos eram aconselhados a deixar a Alemanha rumo ao Brasil na primavera para no inverno ir se acostumando com o clima no Brasil. Muito dependia da região na qual o imigrante fora angariado, ou de onde saiu com recursos próprios para poder ter a esperança em iniciar uma nova vida.

Limites e conflitos da política imigrantista

Muitas comunidades vêm no pauperismo e na numerosa população pouca motivação para manter a qualquer preço estes sujeitos que desejavam imigrar. De forma geral os mecanismos de poder institucional dos estados alemães se posicionaram de forma crítica com relação à imigração controlando seus súditos em cada Estado.

No início do século XIX não houve uma política imigratória única nos Estados alemães e a imigração não estava formalmente proibida. Tratava-se de diferentes mecanismos para regulamentar a saída de sujeitos. Alguns são considerados liberais como os Estados de Hessen e de Preußen.²¹

No debate constitucional de 1848/49, a liberdade de imigrar figurava como um direito fundamental. Enquanto que os poderes do Estado e instituições da Prússia e da Áustria buscavam angariar imigrantes para partes territoriais do leste controlando com restrições os agentes de propaganda, os estados do sul e do sudoeste traçam uma política liberal no contexto da crise de fome de 1816-17.

Os sujeitos que desejavam emigrar tinham que primeiramente solicitar junto a suas comunidades uma permissão, que não era dada se alguém tivesse em idade para o serviço militar, devedor ou pai de família com dependentes. Estas regras foram muitas vezes revidadas e tornadas menos

restritivas. Embora os funcionários públicos controlassem os sujeitos que pretendiam imigrar, sobretudo com informando-os sobre as desvantagens da imigração, muitas comunidades utilizavam também a onda imigratória para *livrarem-se* de criminosos e de pobres que precisavam de ajuda e se tornavam uma *carga*. Nestes casos a comunidade pagava os custos dos transportes.²²

A discussão pública da questão da imigração atinge uma maior discussão em 1840 e se mistura nos anos de 1880 com a questão colonial. São muitos os discursos sobre essas questões. Uma parte destes discursos discute o medo de uma revolução *vinda de baixo* e a imigração é *bem vindo ventil de escape* mediante o perigo de uma possível revolução social. Por outro lado, outros discursos criticavam o *desaparecimento* do povo alemão devido a assimilação cultural, sobretudo nos EUA. Muitos indivíduos exigiam a proteção dos alemães no exterior e a contribuição do Estado com o desvio da imigração do norte para o sul da América. Embora muitas vezes procurassem convencer a opinião pública de que povoados isolados no sul do Brasil com alemães seriam uma quase colônia substituindo a falta de territórios além-mar.

A Política de Colonização no Brasil

A política de colonização do Império brasileiro levou a conflitos no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo principalmente na década de 1870. Segundo Paulo P. Machado, a viagem para o Brasil constituía-se num risco calculado. A economia do que os imigrantes traziam era calculada sendo vital, pois terceiros procuravam explorá-los ao máximo tanto no seu país de origem como no país para onde migrariam. Os que partiam com poucos recursos, a viagem da Europa se constituía numa aventura arriscada. Certamente os colonos necessitavam de auxílio até a primeira safra. Os regulamentos de 1867 têm por objetivo dar auxílios e adiantamentos fornecidos pelas administrações das colônias ao imigrante recém-chegado.²³ Porém, faltavam no Brasil organizações quanto a distribuição dos colonos em lotes previamente demarcados, uma infra-estrutura mínima, como estradas e assistência governamental caso ocorresse catástrofes associadas ao clima. Em colônias como Palmira, Conde d' Eu e Dona Isabel, a seca levou o governo a trocar alimento por trabalho em obras públicas, ou a efetuar pagamentos, mas muitas vezes atrasados. Machado aponta para a morosidade desses trabalhos, pela falta de fiscalização e do despreparo desses imigrantes, pois muitos não eram colonos e sim carpinteiros, padeiros etc.

A partir de 1877, o governo diminuiu os gastos com imigração e colonização porque estavam atingindo *cifras imprevistas* no orçamento público, o que certamente levou a protestos por parte dos colonos. Após 1878 houve uma *normatização do sistema imperial de colonização com o objetivo de aumentar o controle dos gastos, evitando-se a corrupção de administradores e colonos*.²⁴ São cancelados os contratos que o governo Imperial mantinha com as empresas

²⁰ Idem, *ibidem*.

²¹ Armin Reese (Hrsg) „Alle Menschen sind dort gleich“: die deutsche amerikanische Auswanderung im 19. Und 20 Jahrhundert. 1. Auflage. Düsseldorf: Schwamm, 1988, p. 28 (Historisches Seminar, 10).

²² Idem, *ibidem*.

²³ MACHADO, P. P. Op. Cit, p. 33-35.

²⁴ Idem, p. 38-45.

de transporte para a vinda de imigrantes subsidiados. A partir desta data, a maioria dos imigrantes chegou com recursos próprios. Em alguns países europeus as emigrações são proibidas para o Brasil devido a péssima imagem da política de imigração no país.

Segundo Machado, o *governo não conseguiu desobrigar-se* com os colonos que mediante seus protestos conseguiram evitar seu abandono. Além do protesto dos colonos deve-se também a alguns publicistas como Johann Jacob Sturz²⁵ e Thomas Davatz²⁶ outros rumos no contexto da imigração. Em 1879 o governo suspende de forma provisória os favores e auxílios do regulamento de 1867. Os colonos que chegam com recursos próprios são em pequeno número e tinham melhores condições de instalar-se que os demais já estavam instalados.²⁷

Conclusão

A condução da imigração branca européia para o sul do Brasil insere-se num processo de motivações geopolíticas e de interesse econômico cujos discursos recorrentes reforçavam a construção de um Brasil ideal, em vias de branquear-se cujo processo final levaria a alcançarmos o patamar de civilidade européia. A ocupação dos supostos vazios demográficos e da não adaptação dos brancos europeus nos trópicos motivaram essa concentração de imigrantes no sul. Mas elas ocorreram, sobretudo porque as províncias do sul investiam mais na imigração e colonização.

Referências

BERNECKER, W. von; FISCHER, T. **Deutsche in Lateinamerika**. In: Deutsche in Ausland- Fremde in Deutschland. Migration in der Geschichte und Gegenwart. Org: Bade Klaus. München: Verlag C. H. Beck, 1992, p. 197-214.

BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: EDUSP, 1992.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIENER, W. Hunsrücker Volkskunde. In: **Volkskunde Rheinischer Landschaften, Adam Wrede**. Bonn: Leipzig : Kurt Schroeder Verlag, 1925.

GREGORY, V. **Os Euro-Brasileiros e o espaço colonial**: a dinâmica da colonização no Oeste do Paraná nas décadas de 1940 a 1970. Niterói, 1997. 360 f. Tese (Doutorado em História)- Universidade Federal Fluminense.

HIPPEL, W. von. **Auswanderung aus Südwestdeutschland. Studien zur Württembergischen Auswanderung und Auswanderungspolitik im 18. und 19. Jahrhundert**. Stuttgart: Klett-Cotta Verlag, 1984 (Industrielle Welt; Bd. 36).

HOERDER, D.; KNAUF, D. (Hrsg.). **Ausbruch in die Fremde**: Europäische Auswanderung nach Übersee. Bremen: Temen, 1992.

LE GOFF, J. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1992.

LUEBKE, F. **The Germans in the new world. essays in the history of immigration**. University of Illinois: Press Urbana an Chicago, 1990.

ELIAS, N. **Was ist soziologie?** . ed. München: Juventa Verlag, 1991.

PETRONE, M. T. S. **Imigração**. In: FAUSTO, B. (Org.). **História geral da civilização brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978. v. 8, p. 96-97.

SCHRADER, A. Deutsche Einwanderung nach Brasilien. In: **Brasilien Heute**. Edit.: Briesmeister. Frankfurt: Vervet Verlag, 1994, p. 603- 621.

SCOTSON, J. L.; NORBERT, E. **Etablierte und Außenseiter**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.

STRUPP, C. Von der Alten in die Neue Heimat. Deutsche Auswanderer auf dem Weg Nach Lateinamerika. In: **Matices. Zeitschrift zu Lateinamerika, Spanien und Portugal**, j. 4, n.15, p. 23-27, 1997.

SUDHAUS, F. **Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Jahrhundert**. Hamburg: Hans Christians Druckerei und Verlag, 1940.

WAGNER, R. W. **Deutsche als Ersatz für Skaven**: Arbeitsmigranten aus Deutschland in der brasilianischen Provinz São Paulo 1847-1914. Frankfurt am Main: Vervuert Verlag, 1995.

BAYER, H.; ROCHE, J.; WOLL, D. **Die Deutschen im Brasilianische Schrifttum**. Bonn: Romanisches Seminar der Universität Bonn, 1968.

CROUZET, M. (Org.). **História geral das civilizações**. São Paulo: DIFEL, 1969.

ELIAS, N. **Die Gesellschaft der Individuen**: Hrsg von Michael Schröter: 3. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996.

HELBICH, W. (Hrsg.). **Amerika ist ein freies Land: Auswanderer schreiben nach Deutschland**. Darmstadt: Verlags-Gesellschaft mbt, 1985.

25 ZIMMERMANN, Tânia Regina. *Johann Jacob Sturz e a Nova Alemanha nos Trópicos*. Marechal Cândido Rondon : Ponto;Virgula, 2004.

26 DAVATZ, Thomas. *Memórias de um Colono no Brasil*. Trad. Sérgio B. de Holanda. São Paulo : Itatiaia, 1980. A obra foi impressa em 1850. Trata-se de uma narração da revolta de colonos suíços nas fazendas de café Ibicaba do Senador Vergueiro.

27 MACHADO, P. P. Op Cit p. 47-48.

HUNSCHE, C. H. **O ano 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul(Província de São Pedro)**. Porto Alegre: Metrópole, 1977.

HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: M. Fontes, 1992.

OBERACKER, K. H. Die Deutschen in Brasilien. In: **Die Deutsche in Lateinamerika. Schicksal und Leistung**: Hartmunt Frösche (Edit.) Tübingen, Basel: Horst Erdmann Verlag, 1979.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHMITT, E. **Herkunft und Schicksal meiner Vorfahren als Teil der Deutschen Einwanderung nach Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, 1987.(Monografia).

WILLEMS, E. **A aculturação de Alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes Alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Nacional, 1980.

ZIMMERMANN, T. R. **Johann Jacob Sturz e a nova Alemanha nos trópicos**. Marechal Cândido Rondon: [s. n.], 2004.

Recebido para publicação em: 09/03/2004
Received for publication on 09 March 2004
Aceito para publicação em: 20/05/2004
Accepted for publication on 20 May 2004